

## *'Ofício de Curar': querências do destino, intervenção do sagrado*

Maria da Conceição da Silva Cordeiro<sup>1</sup>

Marcos Vinicius de Freitas Reis<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i33.45892>

**Resumo:** O presente artigo é fruto do percurso etnográfico, trilhado no sentido de descortinar um universo de significados dos saberes e das práticas em saúde de curandeiros, rezadores e parteiras na cidade de Macapá-Ap. Buscamos construir um olhar antropológico sobre a teia de relações que circunscrevem o ofício dos médicos tradicionais, de seus saberes e práticas, bem como, suas trajetórias de fazer-se curador (a). O trabalho de campo foi realizado entre os anos de 2016 a 2017 no município de Macapá-Ap. Apresenta como objeto de estudo a construção social da prática do profissional de saúde tradicional, como elemento mágico-simbólico e social de saúde na região trabalhada. Foram selecionados três profissionais tradicionais de saúde. Por meio de observações e entrevistas abertas o estudo buscou conhecer as concepções que dizem respeito a crenças, mitos, religiosidades e representações simbólicas utilizadas para a construção do saber tradicional; a forma como são realizados os ritos e como tais práticas levam à construção social do profissional de saúde tradicional. O trabalho também aborda os utensílios de cura utilizados: rezas, benzeção, santos e ervas.

<sup>1</sup> Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (1999), mestrado em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (2010), doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2016). É assistente social na Universidade Federal do Amapá e professora do curso de extensão da Universidade da Mulher desenvolvido pela UNIFAP. Pesquisadora do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade - UNIFAP. Realiza/realizou atividades de pesquisa nos seguintes campos: Antropologia da saúde; Antropologia da religião; Trabalho e saúde na Amazônia; Cosmologia Amazônica; Práticas tradicionais de cura; feminismo. Contato [anancey@bol.com.br](mailto:anancey@bol.com.br)

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em Macapá, Brasil, do curso de graduação em Relações Internacionais. Professor do Mestrado Profissional em Ensino de História UNIFAP e do Mestrado Acadêmico em História Social pela UNIFAP. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Membro do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP-UFSCAR/CNPq). Pesquisador do Observatório em Direitos Humanos da Amazônia (OBADHUNIFAP/CNPq). Líder do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES-UNIFAP/CNPq). Contato: [marcosvinicius5@yahoo.com.br](mailto:marcosvinicius5@yahoo.com.br)

**Palavras-chave:** Médicos tradicionais, cultura, religiosidade, Amazônia, saberes e práticas

**'Office of Healing': quires of destiny, intervention of the sacred**

**Abstract:** This article is the result of an ethnographic journey, with the aim of discovering a universe of meanings of knowledge and health practices of healers, prayers and midwives in the city of Macapá-Ap. I sought to construct an anthropological look at the web of relationships that circumscribe the role of traditional doctors, their knowledge and practices, as well as their paths of becoming a healer. Fieldwork was carried out between 2016 and 2017 in the municipality of Macapá-Ap. It presents as object of study the social construction of the practice of the traditional health professional, as magical-symbolic and social element of health in the region worked. Three traditional health professionals were selected. Through observations and open interviews the study sought to know the conceptions that refer to beliefs, myths, religiosities and symbolic representations used for the construction of traditional knowledge; the way rites are performed and how these practices lead to the social construction of the traditional health professional. The work also addresses the healing tools used: prayers, blessings, saints and herbs.

**Keywords:** Traditional doctors, culture, religiosity, Amazonia, knowledge and practices.

**'Oficina de Sanación': exigencias del destino, intervención de lo sagrado**

**Resumen:** El presente artículo es fruto del recorrido etnográfico, trillado en el sentido de descortinar un universo de significados de los saberes y de las prácticas en salud de curanderos, rezadores y parteras en la ciudad de Macapá-Ap. Busqué construir una mirada antropológica sobre la red de relaciones que circunscriben el oficio de los médicos tradicionales, de sus saberes y prácticas, así como, sus trayectorias de hacerse curador (a). El trabajo de campo fue realizado entre los años de 2016 a 2017 en el municipio de Macapá-Ap. Se presenta como objeto de estudio la construcción social de la práctica del profesional de salud tradicional, como elemento mágico- simbólico y social de salud en la región trabajada. Se seleccionaron tres profesionales tradicionales de salud. Por medio de observaciones y entrevistas abiertas el estudio buscó conocer las concepciones que se refieren a creencias, mitos, religiosidades y representaciones simbólicas utilizadas para la construcción del saber tradicional; la forma en que se realizan los ritos y cómo tales prácticas llevan a la construcción social del profesional de salud tradicional. El trabajo también aborda los utensilios de curación utilizados: rezos, bendición, santos y hierbas.

**Palabras Clave:** Médicos tradicionales, cultura, religiosidad, Amazonia, saberes y prácticas.

*Recebido em 30/11/2018 - Aprovado em 17/12/2018*

## Introdução

Quem nunca viu o Amazonas  
Jamais irá compreender a crença de um povo  
Sua ciência caseira  
A reza das benzedeiças  
O dom milagroso<sup>3</sup>

Rezas, benzeções, crenças, simpatias, elementos culturais que fazem parte de um mundo mágico-religioso presente na vida amazônica. Neste artigo, apresentamos o 'ofício da cura' praticado por médicos tradicionais locais, representados culturalmente na figura dos pajés e dos xamãs encontrados nas sociedades tribais. Trazemos para a discussão o que aqui denomino de medicina popular<sup>4</sup> ou ciência caseira, como bem expressa a letra da música em epígrafe acima, ordenada por um viés do saber popular, de uma forma prática de produzir saúde e reparos aos malefícios/aflições da vida. Prática de cura de profundas relações com a natureza, marcada de experiências concretas com o ambiente natural, cultural e religioso.

Entre raízes e rezas, os agentes tradicionais de saúde formam uma categoria de sujeitos assentados em espaços domésticos de cura, suas práticas são operacionalizadas dentro de um duplo domínio: o da religião e o da medicina popular. Eles constituem as formas tradicionais em saúde, cuja técnica essencial de trabalho é o benzimento, as rezas, os banhos, receitas, chás, emplastos, puxações e outros, desenvolvidas através da invocação de entidades ou não, associadas ao domínio do sagrado e reconhecidas como adequadas a esse fim. Para tanto, rezadores, curandeiros, erveiros, parteiras, retomam práticas ancestrais, baseadas na fé, dádiva e dom – dar-receber-retribuir – (MAUSS, 2003), com intuito de alcançar o alento para os males dos indivíduos.

Gostaríamos de começar com um rápido esclarecimento sobre o título escolhido, pois considero importante a justificativa uma vez que se apresenta de forma subjetiva e objetiva nas falas dos entrevistados. A expressão 'querência do destino' é 'retirada' da fala de uma parteira ao citar que iniciou o ofício de partejar num momento de

---

<sup>3</sup> *Jeito Tucujú*, música composta por Joazinho Gomes e Val Milhome, foi gravada por Zé Miguel no disco *Quatro Ponto Zero*.

<sup>4</sup> Sobre a questão, Laplatine e Rabeiron (1989, pg.51) definirão a medicina popular como “ certo número de práticas de prevenção e de cura fundamentadas numa visão coerente do homem e do cosmos, visão essa que qualificaremos antropológicamente de mágica. (...) É inicialmente uma medicina tradicional. Isso não significa que seja imutável, porém designa certo modo de transmissão essencialmente oral e gestual que não se comunica através da instituição médica, mas por intermédio da família e da vizinhança”.

necessidade, em situação limite, quando precisou ajudar uma mulher a dar a luz. Quanto à expressão 'intervenção do sagrado' fica expressa de forma objetiva, quando os curadores relacionam seu 'dom' a uma dádiva divina. Prosseguimos, tratando da mediação do sagrado no ofício de curar.

O ofício da cura constitui um rito sempre realizado através da mediação do sagrado. O que cura é homem ou mulher de fé, acreditam possuir um dom divino que lhe confere o poder para operar nessa atividade, afinal, “a vida profissional dessas pessoas as separa do comum dos mortais, e é essa separação que confere a todas a autoridades mágica” (MAUSS,2003, p.66). Logo, o ritual da cura é sempre antecedido de momentos de oração, da reza, dos pedidos de proteção e ajuda divina.

Assim, compreendemos que inquirir sobre a prática desses médicos tradicionais no contexto da Amazônia exige, antes de tudo, inseri-los no marco das interações religião e cultura, dimensões fundamentais para a formação do imaginário dos povos que nela habitam.

Loureiro (1995, p.55) poetizando a Amazônia ressalta que a cultura amazônica “reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural”. É a cultura cabocla, dos ribeirinhos, dos extrativistas, dos pescadores, dos índios e quilombolas, de inúmeros sujeitos que, ao construir a vida material, forjam o imaginário que dá sentido a essa região e, também, à identidade do seu povo. Ainda, na mesma direção, Loureiro (1995, p.103) observa que:

Na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. A vida social ainda permanece impregnada do espírito da infância, no sentido de encantar-se com a explicação poetizada e alegórica das coisas. Procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas em seu redor. Explicam os filhos ilegítimos pela paternidade do boto; os meandros que na floresta fazem os homens se perderem pela ação do curupira; as tempestades pela reação enraivecida da mãe- do- vento etc.

A vida social é articulada em torno de uma evanescente lógica poética, sendo tecida “pela memória, pela palavra oralizada, pelo maravilhamento diante da realidade cotidiana” (LOUREIRO, 1995, p.103). Para o autor, é sob esse estado que o homem da Amazônia constrói sua realidade, mobilizada em torno de uma dominante mágico-religiosa condizente com sua fé, com sua religiosidade, com sua habilidade no manuseio das ervas, com seus dons que lhe conferem uma dimensão espiritual povoada de poderes mágicos, com sua intimidade com os rios onde habitam seus caruanos - encantarias que lhe repassam poderes para agir em seu nome.

Sendo assim, entendemos que a composição desses bens simbólicos é um dos muitos ingredientes que compõem a fórmula da ciência caseira desenvolvida por médicos tradicionais detentores de um saber ou capital cultural que se constitui dos elementos formadores da sociabilidade coletivamente partilhados nas esferas da vida material e imaterial. Seu sistema de conhecimento, pautado numa profunda articulação entre natureza e cultura, pode ser entendido pelo que Lévi-Strauss (1989) denominou de ciência do concreto referindo-se aos saberes que possuem uma utilidade prática – no caso aqui o ofício da cura.

O fazer dos curandeiros, rezadores, erveiros, parteiras e outros compõem o repertório dessa multiplicidade de práticas expressivas do modo de ser peculiar às comunidades amazônicas. Os médicos tradicionais desenvolvem uma prática revestida de grande valor social ocorrendo muitas vezes num momento crítico da vida: o adocimento.

Essas práticas tradicionais de saúde são guiadas por uma íntima relação entre o material e o imaterial, onde estão presentes elementos naturais, objetos sociais, saberes e fazeres que conformam esse espaço de vida. O processo de transmissão oral, fortemente baseado em laços de parentesco, de afetividade e de convivência cotidiana assegura a permanência de aspectos relevantes dessas práticas.

Nessa trilha é importante destacar que as expressões culturais e simbólicas, encarnadas na prática de curar, têm uma força peculiar que transpira nos rituais, nas falas, na gestualidade dessas figuras mágico – religiosas que se caracterizam pelo ofício de ‘ajudar a sarar’.

O tema em questão é fruto de nossas ‘escavações’ no campo, são aproximações empíricas dos pesquisadores com o objeto de estudo, que foram realizadas durante a pesquisa exploratória em meados de 2016 na cidade de Macapá/Ap. Objetivamos tecer algumas considerações sobre as atividades de práticas de cura no processo saúde/doença, exercidas por três médicos tradicionais.

Em todo o texto, as falas e relatos dos entrevistados estão grifados em itálicos e entre aspas, tanto quando aparecem no meio do texto. Para a identificação dos três

médicos tradicionais utilizamos codinomes e em alguns momentos nenhuma identificação. Essa resolução ética é de forma a proteger os participantes.

Para análise do conteúdo dos dados da pesquisa lancei mão de suas narrativas. Para o estudo da temática, tomei como luzes teóricas os conceitos de Victor Turner (1974), Marcel Mauss (2003) e Levi Strauss (1975) e outros.

## **1. Médicos tradicionais e suas trajetórias**

### **Seu Eucalipto**

É o terceiro filho de cinco irmãos, nasceu no município de Codó no Maranhão, chegou a Macapá há 26 anos junto com os pais e irmãos, onde estabeleceu moradia e junto com os familiares passou a trabalhar como ambulante. Ressalta que foi difícil frequentar a escola, concluiu o ensino médio quase aos cinquenta anos e hoje aos 51 está cursando Pedagogia. Expressa certo orgulho e expectativa em ter curso superior, diz que ‘ter estudo vai lhe ajudar a divulgar com mais respeito a sua missão’.

Seu Eucalipto diz que desde menino ‘ouvira e via coisas’, por esse motivo se sentia diferente, ainda mais por ser proibido de exercer algumas obrigações domésticas como, por exemplo, ir ao rio buscar água, limpar e separar peixe quando os pescadores atracavam no rio e de brincar ou catar fruta no mato. Que essa ‘separação’ era imposta pela mãe e o povoado onde residia, pois *“quem lá (povoado) tem esse dom deve ter cuidado para os encantados não deixarem perturbado e nem levar a pessoa pro fundo do rio ou pra mata.....quando eu ia no rio meio dia ficava doente, panema, magro, vendo coisas e muita febre...um zunido ficava no meu ouvido por dias....era a mãe do rio me malinando..”*

Na adolescência seu dom foi desenvolvido com a ajuda de seu padrinho, um indígena, amigo da família, pois viveu por muito tempo, desde seu nascimento, próximo a uma aldeia indígena em Barra do Codó no estado do Maranhão. Relata que quando começou a se desenvolver espiritualmente, era como se determinada força estranha se apoderasse dele. Que seu padrinho passou a fazer os preparos de banhos, chás, alguns alimentos não podia comer e nem beber, ficou ‘separado’ para poder desenvolver seu dom e que nesse tempo parecia que estava num estado de purgatório, parece que morto, que foi um momento difícil, mas que assim Deus queria. Os relatos de seu Eucalipto se aproximam às análises conceituais de Victor Turner sobre liminaridade, observa que *“a liminaridade frequentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua”* (TURNER, 1974, p.117).

Relata que quando veio para Macapá trabalhou como ambulante, depois *“deixei o trabalho e passei a vender erva medicinal – ofício conhecido da região oriunda –, daí mesmo sem*

*gostar do que eu fazia, passei a buscar mais conhecimento, mas só de dois anos pra cá é que passei a gostar do que faço e acredito hoje que é um dom”.*

Hoje, é muito procurado no bairro em que reside e reconhecido na comunidade por ser considerado um profissional hábil em diversas práticas curativas através do preparo de ervas. Os medicamentos mais utilizados são: azeite de andiroba, copaíba, cascas de plantas, leite das plantas, chá, banhos, xaropes, sumos, infusões e outros.

Segundo seu Eucalipto o “*dom é carga difícil e pra vida inteira*”, por isso, por muito tempo tentou se curar e suspender o que ele e sua família consideravam como ‘mal’. Porém, com o passar do tempo, após sofrer muita ‘malinesa’<sup>5</sup> – período de sofrimento com doenças, alucinações e perturbações emocionais, provocada por parte dos espíritos guias –, considerou que a situação ‘não tinha jeito’ e aceitou a missão que Deus lhe atribuiu. No entanto, Seu Eucalipto não quis seguir as recomendações oferecidas pelo pajé, de desenvolver seu dom nos terreiros e desta forma primou por se converter à religião presbiteriana.

A história da iniciação profissional de Seu Eucalipto assemelha-se a casos encontrados na pajelança e religiões afro-brasileiras (umbanda, candomblé) como os descritos por autores, como Maués (1990), Montero (1985) e outros, dando a impressão que o aparecimento do dom possui núcleo comum e que de acordo com as experiências adquiridas na vida, realizam escolhas e podem se tornar pajés, pai/mãe de santo ou praticante de saúde tradicional a exemplo do profissional entrevistado que utiliza o dom para tratar pessoas, sem necessariamente ser um praticante da pajelança, mas também de outras religiões. Exerce a especialidade da benção, da puxação e da manipulação de ervas como medidas curativas.

Seu Eucalipto afirma, que apesar de não ter seguido a vida de pajé, respeita a pajelança e muitas vezes encaminha aos terreiros pessoas que em sua opinião precisam do tratamento lá desenvolvido, da mesma forma, quando é caso para médico. Diz agir com honestidade em encaminhar a pessoa ao profissional competente.

Ao ser indagado se está ensinando a prática da cura para alguém dar continuidade, admite que vem repassando alguns dos seus conhecimentos ao filho, no entanto no início se recusava a lhe ensinar, mas seu filho sempre procura observar como o pai procede, acha que seu filho tem jeito para tratar as pessoas.

---

<sup>5</sup> Sobre o tema Raimundo Herald Maués, em sua tese de doutorado intitulada “Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico, 1987, dedica um capítulo ao conceito e discorre sobre o mesmo tanto no plano humano quanto no plano espiritual. O termo é uma fala comum na relação homens, espíritos e encantados, no mundo do catolicismo popular e pajelança.

Diante da narrativa, percebi em outras histórias, ainda a serem reveladas, que a partilha de tal habilidade é frequente na família, como é o caso de Seu Eucalipto e seu filho. Sob este ponto de vista, Mauss (2003) elucida que a magia acontece por transmissão social do dom, provavelmente devido ao processo cultural, tornando possível a transmissão de saberes no meio familiar e no meio social, mesmo que não tenha ensinamento propriamente dito das práticas. Também Campos (1997), advoga que a transmissão do dom se faz por meio do processo social reprodutivo dinâmico, no qual elementos diferenciados como as práticas familiares e experiências vividas podem ser introduzidos e/ou associados, construindo novas formas ou mesmo reeditando as práticas tradicionais de saúde.

### ***Dona Alfazema***

Aos 81 anos, Dona Alfazema ainda preserva um espírito brincalhão. Diz que sua trajetória de vida dá para escrever um bom livro, ainda que tirasse algumas estórias que 'não pode revelar', pois segundo ela, sabe mais das pessoas que padre de igreja. É uma parteira reconhecida pela comunidade, ainda que não pratique mais o ofício.

Diz que não lembra quando chegou a Macapá, nasceu na localidade de Curuá hoje conhecido como Bailique – arquipélago de Macapá. Veio com os pais, é a última de muitos irmãos. Não sabe informar com precisão sobre os irmãos, pois alguns ficaram na localidade de origem e não se lembra. É importante informar que os relatos de Dona Alfazema receberam ajuda das filhas, pois apresenta lapsos de memória.

Durante seu relato confirma que aprendeu a fazer parto por dom de Deus. Mas ao mesmo tempo conta que se escondia para ver a mãe 'puxar barriga' de mulher grávida. Que certa vez, a mãe, ao notar sua presença, esperou que a grávida saísse e lhe aplicou uma surra. Depois da surra ela adoeceu, ficando muitos dias com febre alta, lembra que toda a família ficou preocupada e até no pajé teve que ir. Segundo Dona Alfazema, este pajé lhe passou banhos e defumação e disse que ela era da linha de cura. Ainda era muita menina, acha que tinha uns 16 anos e a mãe para afastá-la de perto do ofício, resolveu que ela deveria passar algum tempo na casa de sua madrinha, que ficava nas proximidades da sua. Lá começou a ajudar no trabalho da roça e como sua madrinha também cultivava ervas que ela usava para fazer remédios caseiros, começou a aprender como fazer chás, banhos e garrafadas.

Esse período, de mudança, vivido por Dona Alfazema, pode ser considerado o que Turner (1974) pressupôs como estado de liminaridade, momento ambíguo, pois foi retirada do convívio com a mãe – estrutura social –, e reagrupada ao convívio da madrinha onde passa a ter contato inicial com as ervas. Há aí uma ausência de status

social, pois ela não está situada em um lugar nem em outro no que diz respeito ao seu processo de desenvolvimento do dom – arte de partejar.

Também, nos traz a ideia de que é possível ter ocorrido neste período de reclusão familiar à apropriação do dom, pois o fato de ter sido confirmado pelo pajé que possuía o dom de curar, a interlocutora então, por meio da madrinha passa a adquirir novas habilidades que vieram enriquecer seu repertório de práticas. A experiência vivida por Dona Alfazema pode ser comparada às considerações de Campos (2004), quando diz que a aquisição de novos conhecimentos obtidos do grupo gera atualização do dom, à medida que a reprodução deles cria novas formas de utilização (NOBRE 2009).

Continuando a narrativa, conta que sua primeira experiência como parteira ocorreu em dia chuvoso e já tarde da noite quando certo vizinho veio lhe pedir ajuda para a esposa que estava com dores do parto. Resolveu que iria atender a situação e com sua madrinha foi à casa do vizinho, ao chegar lá observou a moça e viu que estava bastante cansada e podia vir a morrer, mas foi encorajada pelo vizinho a ajudar a criança nascer. Fez várias orações e com azeite doce puxou a barriga da mulher e verificou que a criança estava torta dentro da mãe e teve que endireitar na barriga mesmo da mãe e ‘graças a Deus’, diz ela, assim nasceu. Relata ter sentido, neste momento, uma mão invisível guiando a sua enquanto puxava. Tal experiência pode ser considerada como o rito de iniciação de Dona Alfazema, naquele momento em que o parto foi concluído com êxito também ocorreu a sua consagração como parteira.

Segundo Dona Alfazema, desse dia em diante, ‘o boato correu’ pelo lugar, a mãe soube, mandou buscá-la e brigou com ela, porém ela teve o apoio da irmã e madrinha, e apesar da desaprovação da mãe, esta com o tempo acabou se conformando. Lembra que a mãe falava que fazer partos significava risco grande, hoje Dona Alfazema diz entender a opinião da mãe e concorda que é arriscado lidar com a vida das pessoas, considerando o nível de responsabilidade que ajudar nos partos representa. Ressalta que para exercer tal atividade, tem que ter o ‘dom’ da parteira, não tem que ter medo, tem que saber ver sangue, ou seja, ‘tem que ser mulher de verdade’. Por muito tempo, mesmo diante da resistência da mãe de ensiná-la o ofício de parteira, Dona Alfazema pôde às vezes ajudá-la nos partos e também algumas benzeções.

Dona Alfazema diz que durante os anos de atuação, nunca cobrou qualquer atendimento, fala que fez por caridade, mas que era sempre agraciada com pequenas ajudas das pessoas beneficiadas. Em Ensaio Sobre a Dádiva, Mauss (2003) desenvolve a ideia do dom de que dar-receber-retribuir são evidências do dom recebido por Deus, pois recebe o reconhecimento pelo serviço prestado sem cobrar. Mas os presentes são a retribuição, já que para Mauss é o retribuir é condição do dar. Dona Alfazema descreve o quanto é difícil à assistência ao parto; diz que partear não se

restringe apenas em 'pegar' a criança, é preciso cuidar da grávida com remédios caseiros tipo as garrafadas que fortaleça a mulher, fazer puxações frequentes na barriga para direcionar a criança para a via do parto, ficar próximo da mulher desde o momento que a barriga abaixa e orientar a 'lavagem de bico'<sup>6</sup>, quando começar as primeiras dores.

A hora do parto é outro momento delicado, exige a preparação do local, na mulher é feito massagem nas costas e puxações na barriga até pegar a criança. Depois há toda a limpeza a ser feita, a espera da saída da 'companheira' (placenta), a cura do umbigo do neném e posteriormente as orientações no resguardo com a alimentação, os remédios, a queda do umbigo da criança e outras..

### ***Seu Jaborandi***

Seu Jaborandi é uma referência nas práticas de cura em Macapá, é também conhecido como pai Jaborandi. Estando com ele observamos que é homem bem humorado e bastante simples, no entanto o primeiro dia que o visitamos ficou meio desconfiado, somente durante as narrativas foi se soltando, disse que pouco sabe escrever, mas que já fez quase de tudo na vida. Hoje está com 61 anos, é natural do interior do Pará, está 30 anos em Macapá e é muito reconhecido pela sociedade local.

Narra sua história de profissional de saúde tradicional como prática de dom:

Olha.... a nossa religião a gente já traz um dom para religião né? Então eu com a idade de 10 para 11anos eu já tive a minha primeira manifestação que justamente foi daí que eu passei a me criar, me envolver, e primeiro me trataram para eu receber as entidades. Ai me conseguiram afastar..., mas o que Deus dá ninguém tira.  
(Seu Eucalipto)

Seu Jaborandi acredita que possui o dom de curar desde que nasceu e que foi aprendendo as técnicas no decorrer de seu desenvolvimento como candomblecista – religião praticante. Ao ver que conseguia curar, continuou a atender pessoas. Não sabe dizer ao certo com que idade iniciou as práticas. Afirma que não passa nenhum tipo de remédio, pois além de não saber fabricar, diz ter medo que faça mal para alguém. Diz ainda que gosta mais de rezar e benzer, fala que tem seus santos devotos e sente que é atendido para realizar curas. Justifica que:

---

<sup>6</sup> Técnica de lavagem do intestino, feita com um recipiente semelhante a uma chaleira, contendo dois litros de água morna, adaptado a este uma mangueira de borracha afunilada na ponta, a qual é introduzida no ânus da pessoa atendida.

Nós fazemos a cura através das entidades..., não eu pessoalmente. Eu preciso das entidades..., nós temos o nosso mestre que antigamente nós chamava de pai de santo., eu tenho meu mestre e o meu mestre me preparou e a partir desse “preparamento” eu passei a ter incorporação para as entidades passar remédio para curar quem estava se sentindo doente. Prático há 45 anos mais ou menos, porque depois que é manifestado tem o “preparamento” e essas coisas todas.... E daí que eu comecei a exercer como religião, como sacerdote. Da pena à maracá, depois pra umbanda... da umbanda pra tambor de mina.. e hoje tenho 27 anos de candomblé. (Seu Eucalipto)

Seu Jaborandi relata ainda que seu tratamento é por intuição, recorre também aos seus guias espirituais. Seu conhecimento do corpo humano foi construído por meio da própria prática associada às observações no meio da cura. Das curas que faz, algumas possuem características diferentes das observadas entre outros profissionais de saúde popular, ele é o tipo idealizador e improvisador. Narra que, atualmente, é a fase mais calma da sua vida, passa a maior parte do tempo em casa com o filho, cuidando do terreiro e recebendo as pessoas que o procuram, se diz muito gratificado por poder ajudar, diz que alguns atendimentos não cobra, mas quase todas as pessoas fazem questão de lhe pagar com alguma quantia, ele diz que aceita, pois sabe que é dado de coração.

Diante dos caminhos percorridos pelos profissionais de saúde tradicional e as estratégias utilizadas na formação de suas habilidades, ou melhor, no ‘cultivo do dom’ na edificação das práticas, percebemos que os profissionais estudados se utilizam de algo que consideram inato em si, o dom, a partir dele justificam seus conhecimentos, seus poderes para curar, seu reconhecimento frente à sociedade. Nessa direção, a respeito do dom do xamã, Maués (1995, p. 299), informa que “a manifestação do dom xamanístico, [...], leva a uma situação em que candidato ao xamanismo se vê conduzido [...], a uma aproximação da natureza [...], a um afastamento da casa e da família, tendendo a se apartar do convívio social”.

Assim, o dom abrange a lógica da magia, a qual opera paralelamente à ciência escrita e estudada, compreende a complexidade da ciência vivida e sistematizada, a forma de conhecimento que em relação à ciência é desigual em seus resultados teóricos e práticos, porém não menos eficaz (MONTERO, 1985).

Pai Jaborandi explica que a função de um curador exige disciplina e o dom não é achado “*é permitido... é dado por Deus, ele dá poder aos encantados ou caruanas, daí eles (encantados)... me conduzem pra fazer a cura, o bem*”. Nisto consiste a preparação de um curador, ele acredita que foi chamado com um dom especial para praticar o bem e a caridade, que é a finalidade de todo o adestramento da atividade da pajelança.

## **2. Utensílios de cura: rezas, benzeção, santos e ervas**

O universo simbólico que abarca as práticas de cura é cheio de enigmas subliminares que enriquecem de forma acentuada o sentido dos ritos de cura. Nesse processo as crenças, ao mesmo tempo, são compartilhadas pelas pessoas que recorrem às rezas. Existem diversos relatos curiosos que revelam bem essas simbologias e encantamentos do mundo mágico dos curandeiros. Desta forma, os efeitos das rezas estão coligados às diversas formas de orações e rezas conduzidas tradicionalmente. Esse mundo mágico da fé é repleto de contatos com fenômenos arreatadores, como os aqui relatados:

Já vi muitas coisas misteriosa., vi encantados, luz grande, pessoa que me ensinou reza e desapareceu que me deu aviso. Quando vai acontecer alguma coisa eu sinto (Seu Eucalipto).

Sempre que rezo por alguém que tá pesado de mal, quando a pessoa sai uma planta minha morre, é por isso que sempre planto plantinhas de descarrego para morrer com o mal. Não sei por que... é mistério....(Dona Alfazema).

Essa forma de crer e ver o sobrenatural dispensa qualquer forma de explicação científica racionalista. Simplesmente elas existem e funcionam, no entender dos entrevistados. As rezas, benzeções, manipulação de ervas e orações são as expressões mais significativas das curas, são processos e dinâmicas ritualizadas. Assim, entendemos que o ritual é transformador (TURNER, 2005) e sua dinâmica justifica todas as crenças e acontecimentos pela fé. Esses fatos podem ser verificados através do culto aos santos devotos dos praticantes da cura tradicional.

## ***O Santo forte***

Além de acreditarem em Deus, os praticantes de curas tradicionais acreditam e são devotos de inúmeros santos. Aos Santos fazem oferendas, pedem proteção e atribuem acontecimentos. “O culto aos santos caracterizava-se e caracteriza-se, ainda hoje, por estar essencialmente ligado às necessidades práticas da vida” (SCHWEICKARDT, 2002, pg.252, in ALEXANDRE, 2006, pg. 70).

Durante as entrevistas vários santos foram citados, sendo observada a presença dessas imagens nas casas dos rezadores. Vejamos os santos: São José que é o padroeiro da cidade de Macapá e foi citada por todos, Santa Ana, São Tiago, São Jorge, Santo Expedito, Santa Clara. Todos esses santos são adorados como entidades capazes de influenciar o dia a dia das pessoas e que podem ajudá-las a enfrentar as dificuldades terrenas.

## ***As Rezas***

O curandeiro tem que saber as orações, pois ao praticar a cura através de rezas e ervas sagradas está representando muitos valores de uma comunidade. Nas palavras de uma rezadeira: “*Não sou eu quem cura, quem cura é a presença de Jesus ali naquele momento onde eu estou chamando, aclamando e convocando*” (Dona Alfazema).

As palavras proferidas nas rezas são signos que traduzem um mundo de significados que ajudam a dar sentido à doença, aos sofrimentos cotidianos e à energia cósmica. Há nas palavras uma força que religa a natureza com Deus e com os santos. A reza também contribui para a manutenção da tradição popular passada oralmente de geração a geração. De acordo com Quintana (1999, p.94), a benção é um tipo de prece na qual “aquele que a realiza procura influenciar os favores das forças sagradas em benefício de outra pessoa, e que tem como objetivo implícito influenciar tanto as forças sagradas quanto o beneficiário”.

Os rezadores do mal da espinhela caída relatam que, mediante o olhar, podem diagnosticar se a pessoa está ou não com a espinhela caída. Para comprovar se o doente está sofrendo da espinhela caída, utiliza-se uma corda e mede a pessoa de um ombro ao outro, a partir daí pode-se verificar se o indivíduo contraiu ou não o mal. Além desse método, a espinhela é medida de outra maneira: com um cordão de algodão mede o doente do cotovelo até o dedo anular. Tomando este tamanho duas vezes passa o cordão na cintura da pessoa. Caso passe ou falte um palmo, a espinhela está caída. A benção pode ser feita com as mãos postas no peito ou nas costas do doente. Em casos mais complexos, além da reza, o paciente é ensinado a colocar o emplasto no peito, que pode ser feito com casca de plantas capazes de restaurar a espinhela.

A reza para 'mau-olhado' procura abarcar várias dimensões da vida das pessoas. Acredita-se que o mal pode ser colocado no outro em situações vivenciadas pelo sujeito no seu cotidiano, tais como no trabalho, no namoro, no estudo, dentre outras circunstâncias referenciadas na oração.

O benzimento, simbolicamente, funciona como uma operação mágica. A sua eficácia é decorrente de três fatores: experiência e dom do que benze; a fé do doente no ato da benção; e do prestígio que do benzedor com a comunidade.

Esses três aspectos são indispensáveis para eficácia terapêutica no processo de cura envolvendo rezas, orações e benzimento. A lógica e a eficácia das práticas de cura envolvendo benzimento estão relacionadas com o poder da crença dos participantes, diferenciando-se dos princípios científicos da medicina acadêmica, centrados na fórmula cartesiana (SANTOS, 2005).

### **3. Algumas considerações**

Seja por 'querência' ou por 'dádiva', a relação com o sagrado constitui uma dimensão fundamental no ofício de curar. Assim, não é possível pensar a identidade desta 'profissão de fé' fora dessa mediação. Suas ações são mediadas entre o cuidar e o curar, entre o doar-se de corpo e alma e agir num momento fundamental da vida: o adocimento.

O curador (a) abarca o dom como missão, ou ainda, como remissão espiritual. Percebe-se como portador (a) de um bem espiritual ou poder religioso, recebido de Deus, que lhe confere capacidade de realizar um grande bem a sociedade. Os médicos tradicionais aqui entrevistados compreendem suas atividades como um ofício de legado divino, dom concedido pelo sobrenatural, portanto, devem doar-se na mesma medida através do trabalho, da ajuda, do cuidar. Aqui vemos manifesta a tríplice obrigação dar-receber-retribuir, fecundamente explícita nos estudos de Mauss (2003) a respeito do enigma do dom – caminho que inspira a compreensão sensível e imaginária da realidade.

No convívio da pesquisa com os médicos tradicionais, no interior das comunidades de Macapá, percebemos a tradição como algo vivo e pulsante, como dimensão em movimento e transformação.

A prática tradicional de cura ainda é um tema bastante marginalizado, principalmente nos centros urbanos onde sua base tradicional é confrontada, na modernidade, pela ciência médica que institui novos saberes sobre o corpo, a doença e a cura – legitimados pela cientificidade.

No Amapá, o ofício de curar afirma-se como prática reconhecida na esfera da cultura popular, particularmente, no espaço da cidade – local que sofre alterações e mudanças em consonância com os padrões de sociabilidade ali estabelecido. Tais práticas

se mobilizam em torno de pessoas, independente de crenças e classes sociais, que acreditam na eficácia da sabedoria, no dom especial que possui o curador e também no efeito do remédio por ele receitado (LÉVI-STRAUSS, 1975).

### **Referências**

- ALEXANDRE, Katya Carvalho. *Saberes de Cura e Hibridismo*: Relações entre ciência, magia e saúde no morro da Conceição, no Recife. Recife-PE. [dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2006.
- CAMPOS, Roberto Navarro, *Nosotros los curanderos*. México: Nueva Imagen, 1997.
- VICTOR, Turner. *Floresta de Símbolos*: Aspectos do Ritual Ndembu. Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, Cap. I, II e IV. Revisão técnica :Arno Vogel. Niterói, RJ. EdUFF. 2005.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, C. O Feiticeiro e sua Magia. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica*: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Medicinas Populares e “Pajelança Cabocla” na Amazônia. In Alves, P. C. & Minayo, M. C. de S. (Org.). *Saúde e Doença*: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio Sobre a Dádiva*. Trad. António Felipe Marques. Lisboa: Edições 70, 2003.
- MONTERO, Paula. *Da doença à desordem*: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- QUINTANA, Alberto M. *A Ciência da benzedura*: mal - olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.
- SANTOS, Denilson Lessa dos. *Nas Encruzilhadas da Cura*: Crenças, saberes e diferentes práticas curativas (Tese) Santo Antônio de Jesus – Recôncavo Sul – Bahia (1940-1980). Salvador Bahia, 2005.